

REFERENCIAÇÃO E CONHECIMENTO PRÉVIO: NO JOGO ENTRE O VERBAL E A IMAGEM

REFERENCE AND PRIOR KNOWLEDGE: IN THE GAME BETWEEN VERBAL AND IMAGE LANGUAGES

Breno Gabriel dos SANTOS¹
Luciana Cristina Ferreira Dias DI RAIMO²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar as relações entre referenciação e ativação do conhecimento prévio necessário à leitura, com base na interdependência entre texto verbal e imagem. Com apoio em autores tais como Kleiman (1996), Marcuschi (2008), Koch e Elias (2010), Cavalcante (2010), o artigo parte de dois materiais de análise extraídos da obra “outros jeitos de usar a boca”, de Rupi Kaur que fora escolhido justamente por trazer a cada página da obra um poema na relação com uma dada ilustração. Partindo da premissa na qual a referenciação é uma atividade que consiste na (re) construção de objetos-de-discurso, entendemos que a ativação do conhecimento prévio (mundo, língua, gênero) está intimamente ligada ao processo da construção do referente na medida em que associações com outros objetos já presentes no co-texto ou no contexto sociocognitivo são estabelecidas por inferenciação, a partir de um frame cognitivo ou de conhecimentos enciclopédicos, em uma relação dinâmica entre texto verbal e imagem. A análise do material evidencia que os processos nos quais objetos-do-discurso são construídos e reconstruídos sobretudo por meio de anáforas indiretas, no plano verbal, também acontecem de um modo bastante semelhante na relação com a imagem.

Palavras chave: Leitura; Referenciação; Conhecimento Prévio; Imbricação Verbal e Visual

Abstract: This article aims to analyze the relationship between referencing and activation of prior knowledge necessary for reading, based on the interdependence between verbal text and image. With support from authors such as Kleiman (1996), Marcuschi (2008), Koch e Elias (2010), Cavalcante (2010), the article starts with two analysis materials extracted from the work “milk and honey” by Rupi Kaur, who was chosen precisely because he brought a poem to each page of the work in relation to a given illustration. Based on the premise in which referencing is an activity that consists of the (re) construction of speech-objects, we understand that the activation of prior knowledge (world, language, gender) is closely linked to the construction process of the reference, since associations with other objects already present in the co-text or in the socio-cognitive context are established by inferring, from a cognitive framework or encyclopedic knowledge, a dynamic relationship between verbal text and image. The analysis of the material shows that the process in which objects of speech are constructed and reconstructed, mainly through indirect anaphors, on the verbal plane, also occur in a very similar way in relation to image.

Keywords: Reading; Referencing; Previous Knowledge; Verbal and Visual Imbrication.

¹ Graduando do curso Letras pela Universidade Estadual de Maringá. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5527-2298>

² Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1039-8318>

Introdução:

Neste artigo propomos trazer à baila uma reflexão sobre o conhecimento atinentes à noção de conhecimento prévio com base na proposta de Kleiman (1996), a saber: (i) conhecimento linguístico; (ii) de mundo; (iii) e conhecimento de gênero textual, buscando articular o papel de tais conhecimentos ao processo de referenciação, a partir da interdependência entre duas materialidades diferentes: a imagética e a verbal.

Tomando o processo de referenciação como atividade discursiva dinâmica na qual os objetos do discurso são introduzidos, modificados, desativados, reativados, recategorizados, de modo a construir-se ou reconstruir-se o sentido no curso da progressão textual, estamos compreendendo essa atividade na relação com a ativação de conhecimentos e esquemas mentais para a instauração de relações semânticas e conceituais. Em termos de materiais de análise, selecionamos duas textualidades extraídas do livro “outros jeitos de usar a boca”, de Rupi Kaur.

Assim sendo, levando em consideração que a leitura é uma atividade de (re)construção de sentidos do/pelo texto por meio da interação autor-texto-leitor, faz-se necessário, então, observar que, além das pistas deixadas pelo autor, é preciso que o leitor ative seus conhecimentos na busca de (re)construção dos sentidos no texto. Logo, é crucial que o sujeito-leitor faça uso de estratégias sociocognitivas que, dito de outra maneira, significam mobilizar uma quantidade variada de conhecimentos que ele possui armazenado em sua memória de maneira inconsciente (Koch, 1997). Com isso, afirmar que o leitor faz um processamento textual estratégico significa que, mediante um texto, o sujeito desempenha concomitantemente inúmeros recursos de interpretação que acontecem de maneira efetiva, eficiente, flexível, de maneira rápida e orientada (Koch e Elias, 2010). Em nosso percurso reflexivo, dividimos o artigo em três seções: Na primeira, buscamos trazer as bases teóricas sobre as quais se assenta este estudo. Na segunda serão apresentadas as noções que dizem respeito ao processo de referenciação verbal e visual na relação com a inferenciação, isto é, com a associação de um elemento no texto a partir de um modelo cognitivo. Por fim, na terceira parte, traremos um gesto analítico acerca de duas textualidades presentes na obra “outros jeitos de usar a boca”, de Rupi Kaur, em uma tentativa de ampliar as reflexões em torno dos papéis dos conhecimentos ligados à leitura, tendo em vista a relação da materialidade verbal e a visual.

Nesse sentido, com o propósito de aplicar a noção-conceito de conhecimento prévio à análise de textos verbo-visuais, estamos nos apoiando nas ponderações empreendidas por Cavalcante (2010) que busca ampliar o conceito de texto postulado por Koch, trazendo ao bojo das suas reflexões os

textos não verbais. Desse modo, este artigo é uma tentativa de pensar a produção da linguagem verbal e não verbal que se efetiva evidentemente “com base nos elementos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia), mas a sua reconstrução e a dos próprios sujeitos – no momento da interação verbal”. (Cavalcante, 2010, p. 9) em um processo que articula a inferenciação ao processo de referenciação, isto é, da construção dos objetos do discurso no texto.

Dessa maneira, Marcuschi (2008) defende a necessidade de um conhecimento inferencial para que leitor possa construir as informações implícitas do texto. O autor supracitado usa o termo “inferenciação” para nomear esse processo, construído na atividade sociocognitiva interacional com base nas pistas fornecidas pelo texto. Por isso, em sintonia com o pesquisador, também, buscaremos compreender a relação “inferenciação” com o processo de referenciação.

Por fim, Custódio Filho (2011) considera a referenciação como sendo um processo sociocognitivo e, por isso, a referenciação pode ser observada não só em elementos verbais, como também em não verbais.

Concepção interacionista de leitura:

Sabe-se que existem teorias que veem a leitura como um simples processo de decodificação (foco no texto) que se dá quando um sujeito olha para um texto qualquer e atribui sentido aos símbolos gráficos nele presentes (Aebersold e Field, 1997). Ademais, há vertentes que tratam o texto como um simples produto (foco no leitor) onde o sujeito-leitor deve apenas “captar” as ideias do autor que ali estão presentes (Koch, 2003).

Todavia, conforme afirmam Koch e Elias (2010), entende-se que leitura é uma prática de interação entre autor-texto-leitor na busca pela produção de sentidos e que, para além do exposto, é uma tarefa altamente complexa, dado que não é algo linear, nem cumulativo e que carece de múltiplos processos cognitivos (Kleiman, 1996).

Para além, a visão interacionista compreende esse processo como algo que se constitui a partir de etapas, já que o leitor decodifica, compreende, interpreta e retém. O mesmo faz isso pois “o texto tem um potencial de evocar significado, mas não tem significado em si mesmo” (MOOR, et al., 2001, p.160). Sendo assim, o legente deve reconhecer o que está escrito e em que gênero foi feito, entender a ideia central e a sua finalidade, marcar uma posição e, finalmente, reter o que foi entendido.

Ou seja, ao contrário da visão dicotômica que traz o foco apenas no texto ou no leitor, a visão que tem o foco no autor-texto-leitor entende que o sujeito-leitor é alguém ativo, individual, com suas próprias experiências, que persegue as “pistas” deixadas pelo autor. Em outras palavras, o sujeito-leitor faz suas hipóteses de leitura, capta mensagens e faz inferências trazendo suas próprias experiências para o texto (SCHILLING e SOLÉ,1998).

Em contraposição à premissa de que a leitura seja um simples processo de decodificação dos elementos linguísticos presentes na superfície do texto, a ótica interacionista entende, também, leitura como um movimento no qual se leva em conta as experiências e os conhecimentos de quem lê. Segundo Koch e Elias (2010):

A leitura de um texto exige do leitor bem mais que o conhecimento do código linguístico, uma vez que o **texto** não é simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado por um receptor passivo. (KOCH; ELIAS, 2010, p.11, grifo do autor)

E, por fim, encontra-se nos Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa a concordância com a perspectiva interacionista, já que afirma que “a leitura não é um processo de decodificação de letra ou palavra, mas sim uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência”. Posto isso, conclui-se que, partindo de uma análise interacional, a leitura é uma atividade de produção de sentido que visa o sujeito-leitor enquanto um construtor de sentidos (Koch e Elias, 2010).

Já Kleiman (1996) afirma que exista, também, um “tripé do conhecimento prévio”, desta forma, a autora afirma que os conhecimentos necessários para o processamento textual são: (i) conhecimento linguístico; (ii) conhecimento de mundo; (iii) e o conhecimento do gênero textual. O conhecimento linguístico, conforme Kleiman (1996), compreende o entendimento gramatical e lexical do sujeito. Devido a isso, ele é responsável pela composição do conteúdo linguístico presente na superfície textual, pela coesão que gera a remissão para trás (anáfora) ou remissão para frente (catáfora) e responsável também pela escolha lexical adequada ao tema ou aos modelos cognitivos ativados (Koch, 1997).

Já o segundo conhecimento, o de mundo, é aquele em que o indivíduo traz a respeito das coisas ao seu redor, funcionando como uma espécie de “conhecimentos gerais” sobre o mundo. Esse conhecimento pode ser tanto do tipo declarativo (proposições a respeito dos fatos do mundo) quanto do tipo procedural (os modelos cognitivos socioculturalmente determinados e adquiridos

através da experiência), como afirma Koch (1997). Devido a esse conhecimento que se faz possível levantar hipóteses e produzir inferências.

Para Kleiman (1996), o conhecimento de gênero trata-se da capacidade do leitor decodificar e diferenciar os gêneros textuais, fazendo com que ele seja capaz de mobilizar as informações corretas para entender tal texto (Kleiman, 1996). Desse modo, o leitor consegue diferenciar uma notícia de uma narrativa fantástica, por exemplo.

O processo de referenciação:

Entende-se por referenciação as múltiplas formas de (re)construir objetos de discurso por meio da inserção de novas entidades ou referentes. Este recurso faz parte de uma das principais estratégias para a construção da coerência do texto, já que, conforme Koch e Elias (2009), “quando tais referentes são retomados mais adiante ou servem de base para a introdução de novos referentes, tem-se o que se denomina progressão referencial”.

Se o modo como nos expressamos fosse algo estável e imutável, seria possível entender os referentes enquanto coisas que citamos quando nos comunicamos por meio de textos. Entretanto, os referentes (entidades de natureza substantiva) são refações ou representações mentais da realidade, contudo, não espelhando de forma direta o mundo real, dado que não são simples rótulos para designar coisas. Segundo Koch e Elias (2010) “Os objetos de discurso não se confundem com a realidade extralinguística, eles a (re)constroem no próprio processo de interação.”

Em termos de categorias analíticas, optamos trabalhar com as três grandes estratégias de referenciação: a introdução (construção), a retomada (manutenção) e a desfocalização. Compreendemos que, na construção do referente como objeto do discurso, a estratégia de introdução se dá no momento em que um objeto ainda não mencionado é inserido no texto, tornando esse objeto proeminente. Já o processo de retomada realiza-se quando um objeto já presente no texto é reanimado por meio de uma forma referencial (seja por um sinônimo, pronome etc), de modo que o objeto continue em foco ou no caso da dimensão não verbal a imagem pode funcionar como retomada. Por fim, a desfocalização acontece na medida em que um novo objeto de discurso é introduzido e passa a ocupar o foco. Todavia, o objeto retirado de foco se mantém em modo de ativação parcial, continuando disponível para utilização imediata sempre que for preciso.

Para além, as formas de introdução de referentes no texto acontecem por meio de dois processos, o que se conhece como ativação “ancorada” e a “não-ancorada”. A ativação “ancorada” se realiza,

de acordo com Koch e Elias (2010), quando um objeto de discurso é introduzido no texto por meio de um apoio em algum tipo de associação com elementos já presentes no cotexto ou no contexto sociocognitivo. Em contrapartida, a “não-ancorada” acontece no momento em que um objeto de discurso exclusivamente novo é introduzido no texto.

Além disso, é possível o uso do processo anafórico, seja por meio de anáforas indiretas ou associativas. Entende-se como anáfora, em um geral, o mecanismo linguístico que se reserva à remissão para trás (por exemplo, “João saiu; ele foi ao cinema”).

Ademais, as anáforas indiretas, caracterizam-se pelo fato de que no cotexto não existe um antecedente explícito, mas, segundo Koch (1997), “um elemento de relação que se pode denominar de âncora e que é decisivo para a interpretação”. Por outro lado, a anáfora associativa introduz um referente novo no texto, através do uso de relações meronímicas, melhor dizendo, a relação semântica entre duas palavras onde uma tem o significado de uma parte e a outra com significado de um todo em relação à primeira parte.

Já o processo de retomada, outro elemento da referenciação aqui citado, tem por característica a ação de manutenção de objetos previamente introduzidos no discurso (Koch; Elias, 2010), assim criando as cadeias referenciais ou coesivas, que são agentes responsáveis pela progressão referencial do texto.

Devido ao fato de que o objeto já está ativado no texto, ou seja, já foi apresentado para o leitor, a progressão pode ocorrer por meio de copiosos recursos, como por exemplo os gramaticais que se dão a partir de numerais, pronomes, elipses e advérbios locativos (Koch, 1997) ou também pelo auxílio de ordem lexical (sinônimos, hiperônimos, expressões nominais, nomes genéricos entre outros).

Buscando ampliar uma visão de referenciação para além da dimensão verbal, em virtude da natureza do material sob análise, buscamos compreender as formas nas quais um referente pode, também, ser introduzido ou retomado no universo textual por meio de outros elementos tais como imagens, símbolos.

Gesto analítico:

Como já foi exposto, em termos de categorias analíticas, no processo de referenciação no plano verbal estamos voltados para os chamados processos referenciais, tendo em vista a introdução referencial, a anáfora e a dêixis. O primeiro ocorre quando um elemento totalmente novo é introduzido no texto. O segundo, responsável pela continuidade referencial, divide-se em anáfora

direta ou correferencial, que retoma, por meio de pronomes substantivos, sintagmas nominais, sintagmas adverbiais, e, às vezes, recategoriza um mesmo referente já introduzido no texto; a anáfora indireta ou não correferencial, que se caracteriza por não retomar precisamente o mesmo referente, remetendo-se, portanto, a outros referentes ou as pistas do cotexto; e anáfora encapsuladora que sintetiza, geralmente por meio de pronomes demonstrativos e sintagmas nominais resumidores, porções textuais. O terceiro e último refere-se à possibilidade de estabelecer uma conexão entre o cotexto e a situação enunciativa dos interlocutores.

Já no que se refere ao plano não verbal, julgamos relevante compreender as estratégias nas quais referentes visuais são introduzidos e recategorizados em meio à construção do texto. No caso dos excertos analisados, podemos considerar que referenciação a partir de elementos visuais se dá em meio a um processo de referência que pode ser direta ou indireta. Vamos ao gesto analítico dos fragmentos selecionados.

Nosso gesto de análise volta-se para dois materiais que foram extraídos da obra “outros jeitos de usar a boca”, de Rupi Kaur. Tal livro foi justamente escolhido pelo fato de a obra se sustentar na imbricação do texto verbal -o poema materializado em cada página- e a imagem – uma ilustração que retoma/recategoriza o texto verbal.

Texto 1:

o terapeuta coloca
a boneca na sua frente
ela é do tamanho das meninas
que seus tios gostam de apalpar

mostre onde ele colocou as mãos

o terapeuta mostra o lugar
entre as pernas daquele
que ele arrancou com os dedos
igual a uma confissão

como você está se sentindo

o terapeuta desfaz o nó
da garganta
com os dentes
e diz bem
um pouco dormente

- sessões nos dias de semana



Capítulo “a dor”, p. 15.

Ao iniciar a leitura do poema o sujeito-leitor, logo na primeira estrofe, pode levantar hipóteses sobre os sentidos no/do texto, fazer inferências e trazer suas próprias experiências para a leitura (Schilling e Solé, 2007).

Dessa forma, ao entrar em contato visual com o material linguístico do poema intitulado “Sessões nos dias de semana”, o sujeito, ao reconhecer o elemento verbal “terapeuta”, aciona seu conhecimento de mundo em relação a sessões de terapia- relação estabelecida por meio de uma anáfora indireta em que “terapeuta” é parte de “terapia”-, ou seja, mobiliza conhecimentos armazenados em sua mente (esquemas mentais) a respeito do referente discursivo “terapeuta”. Se há um trauma, o terapeuta é o profissional que, comumente, as pessoas buscam para o que as aflige. O leitor parte dessa visão devido ao conhecimento de mundo procedural (Kleiman, 1996).

Então, conforme o sujeito-leitor continua processando informações no texto, nota-se que o referente “terapeuta” é colocado em *stand by* para que um novo referente seja introduzido, nesse caso, “boneca” que é retomado por meio do processo de pronominalização (anáfora direta), isto é, pela forma pronominal “ela”.

Desse modo, levando-se em conta as retomadas e recategorizações na progressão textual, a construção de objetos-de-discurso se dá, nesse momento, por meio de uma anáfora indireta, ou seja, o referente “boneca” é retomado pela forma nominal “meninas”, de modo que seja necessário, mais uma vez, como no primeiro exemplo, do estabelecimento da inferenciação na qual um dado frame (modelo cognitivo) presente na mente do leitor seja ativado. Assim, a palavra-âncora “boneca” é um item precedente que introduz a anáfora indireta “meninas”. Nesse sentido, a anáfora indireta “menina” se concretiza para a interpretação do mundo textual em que boneca é um brinquedo que culturalmente faz parte da vida das meninas e é usado na terapia com crianças como recurso do processo terapêutico.

Nesse momento, é importante tomar o processo de referenciação da imagem como elemento relevante da construção de objetos do discurso, já que a recategorização do referente “sessões de terapia” é realizada a partir da imagem (ilustração) de uma menina (que aparece de mãos dadas a uma ilustração incompleta) que vai à terapia (a paciente).

Em termos de processos de referenciação a partir da imagem, podemos notar, no material sob análise, que a ilustração de uma menina que vai à terapia com um acompanhante (mãe, cuidador) funciona como um processo de retomada indireta no plano visual, complementando a construção do objeto-do-discurso que se produz no plano verbal, visto que a imagem fornece pistas ao leitor de quem seria a pessoa quem vai às sessões de terapia.

Uma vez que a anáfora indireta, para Marcuschi (2005), é um processo de referenciação implícita, entendemos que, de forma semelhante ao plano verbal, a construção de sentidos se dá justamente pela ancoragem em um elemento presente no co(con)texto - nesse caso, a imagem – que leva o sujeito-leitor a acionar conhecimentos linguísticos e de mundo para a construção dos sentidos- as sessões de terapia referem-se a uma experiência vivida por uma criança.

Desse modo, acreditamos que um material que se constrói na imbricação verbal e visual implica justamente um processo dinâmico de construção de sentidos entre os planos verbal e visual. Tomando por base os processos de referenciação, há de se destacar que objeto-de-discurso central “sessão de terapia” é construído e reconstruído não só pelo elemento verbal –a partir das marcas linguísticas “terapeuta” e “boneca” por meio da anáfora indireta, mas também pelo visual, posto que a imagem da menina remete, de modo indireto, a uma paciente que vai a essas sessões, segurando as mãos de alguém- uma criança que precisa ser acompanhada.

Nesse caso, ao se deparar com o desenho materializado na página do livro, o leitor tanto confirmará que o fato ocorrido se deu com uma criança do sexo feminino cuja imagem está posta na página a partir de uma representação inacabada e segurando na mão de um acompanhante quanto terá condições de confirmar as hipóteses levantadas no decorrer da leitura (como por exemplo a idade) do eu-lírico que traz suas experiências terapêuticas no poema.

Para além, o efeito de rasura que se produz em meio a traços do desenho inacabado - a imagem de uma criança do sexo feminino emerge sem detalhes no rosto, sem as pernas e mãos- reforça o distanciamento que eu-lírico produz entre a criança e o abuso (reforçando o distanciamento criado no âmbito do texto verbal).

Dessa forma, a imagem de uma menina sem rosto, sem uma identidade ou traços, sendo apenas uma “carcaça”, como se não se sentisse completa, também se relaciona ao esquema mental dos traumas, das experiências dolorosas de desamparo, lembranças confusas, esquecimentos, falta de atenção, amor, afeto e de grande dor vivenciadas na infância que afloram em contextos terapêuticos. Para mais, o leitor pode observar que o rosto foi desenhado de lado, como se a menina não quisesse olhar/encarar a pessoa com quem está de mãos dadas, possivelmente representando um sentimento de vergonha; culpa; e/ou medo. Não obstante, esse “não olhar” direcionado à figura ao seu lado pode ser entendido também como uma maneira do eu-lírico não encarar a sua dor que está materializada – e de mãos dadas- a acompanhando. Outra interpretação possível é de que a garota tem seus olhos voltados para o poema, ou seja, encara, novamente, o que aconteceu em sua infância.

Em termos de movimento de leitura, a inferenciação como processo relevante na construção de sentidos é peça-chave para que o sujeito-leitor possa levantar hipóteses no início do texto. Nesse caso, a construção “o terapeuta coloca a boneca na sua frente” pode ser compreendida, a partir da mobilização de conhecimentos presentes na mente do leitor, como parte da estratégia do profissional de buscar na paciente um relato/confissão de uma situação vivida. À medida em que a leitura progride, o sujeito confirma a sua hipótese no terceiro e quarto verso “[...] ela é do tamanho das meninas// que seus tios gostam de apalpar” e a partir disso, o leitor realiza uma operação sócio-cognitiva por meio da qual se confirma a verdade de uma proposição em decorrência de sua ligação com outras já reconhecidas como verdadeiras. Em outras palavras, faz inferências sobre o que aconteceu e com quem foi (Koch, 2002).

Não obstante, na segunda estrofe, o leitor confirma que quem passou pela violência sexual foi a autora (sujeito presente no texto e não um referente dêitico) e pela recategorização produzida pela imagem da menina de mãos dadas com alguém, já que a todo tempo a “voz” e a materialização do eu-lírico se fazem presentes no poema por meio de recursos linguísticos como, por exemplo, o uso do pronome de segunda pessoa “você” e o pronome possessivo “seus”. Nota-se, também, que com o uso desses pronomes a autora cria um sentido de distanciamento para poder relatar algo ocorrido com ela, algo que, em certa medida, acontece em sessões com pacientes que sofreram abusos sexuais.

Quando se trata de aspectos formais do texto, como o uso de letra maiúscula no início de cada verso/sentença, a execução adequada da pontuação, a utilização de recursos que indicam falas e a presença de um título, a autora acaba não os usando de maneira tradicional. Sendo assim, Rupi Kaur usa de sua liberdade poética e acaba abrindo mão das maiúsculas no início de versos/sentenças, não faz uso de vírgula, ponto de exclamação/interrogação, mas permanece com o ponto final (utilizando-o até mesmo como vírgula). Em relação ao título, a autora não segue uma regularidade, então, dessa forma, nem todos os poemas recebem um “nome” e, se recebem, não aparecem em cima da obra, mas sim embaixo (como no poema em questão “sessões nos dias de semana”).

O uso da licença poética pode ser entendido pelo leitor como um recurso da autora para subjetivar ainda mais a obra. Comprova-se isso pela escolha lexical feita, por exemplo, no terceiro verso da segunda estrofe onde há o emprego do verbo “arrancar” e no primeiro e terceiro verso da última estrofe “você desfaz o nó// da garganta// com os dentes”. Dessa maneira, é notável o uso da emoção como dispositivo textual e discursivo (Kerbrat-Orecchioni, 2006, p. 81), já que o valor semântico ligado ao efeito emocional que o uso de lexemas subjetivos produz na cena interativa

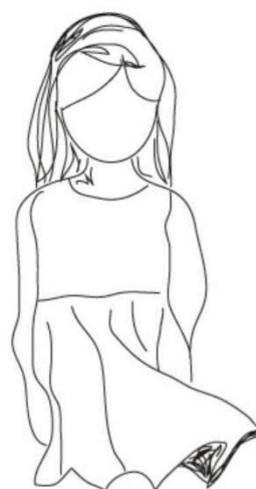
(autor-texto-leitor), permitindo, segundo Bottineau (2013), “agir sobre si mesmo e sobre o outro em tempo real”. Ademais, para que o efeito de sentido criado pela autora seja alcançado, será necessário que o legente busque em seu conhecimento de mundo o que significa a expressão “nó na garganta” para que depois entenda o porquê de desfazê-lo com os dentes.

Percebe-se, portanto, uma junção das duas formas referenciais para o mesmo objeto: no texto verbal, o objeto do discurso “sessões de terapia” é retomado por formas nominais como “terapeuta”, “boneca”, o que exige do leitor por meio de seu conhecimento de mundo o estabelecimento de relações semânticas e conceituais; enquanto, no texto imagético, esse objeto “sessões de terapia” é construído na relação com uma recategorização visual do referente de modo indireto a partir da ilustração de uma menina- paciente e seu acompanhante.

Desse modo, destacamos que o leitor, ao reconstruir os sentidos no texto, engaja-se em um processo no qual os objetos-do-discurso também são recategorizados em uma relação (também) com a imagem.

Concordamos com Cavalcante (2004) para quem o fenômeno de referenciação é “processo cognitivo-discursivo mais amplo, em que as modificações por que passa o objeto referido se revelam em variados índices cotextuais e podem, por meio deles, ser reconstruídas pelo ouvinte”. Por isso, acreditamos que a referenciação e a inferenciação são processos que também estão na relação com elementos visuais vistos como elementos relevantes na compreensão e não meros adereços.

Texto 2:



toda vez que você
 diz para sua filha
 que grita com ela
 por amor
 você a ensina a confundir
 raiva com carinho
 o que parece uma boa ideia
 até que ela cresce
 confiando em homens violentos
 porque eles são tão parecidos
 com você

– aos pais que têm filhas

Capítulo “a dor”, página 19.

Já no poema sob o título “*aos pais que têm filhas*”, referente ao capítulo “a dor”, é interessante notar a referenciação como processo de introdução e retomada do referente em que “pais que têm suas filhas” como construção, que intitula o poema, na tessitura do texto, não aparece de forma explícita a partir da forma “pais”. Temos a retomada do referente “pais que têm filhas” tanto pela forma pronominal “você” cuja significação é dêitica, isto é, contextual quanto pela expressão definidora “homens violentos”.

Por meio do contexto situacional, notamos que a forma pronominal “você” faz referência dêitica a um sujeito para o qual o poema se dirige como se estivesse dando um conselho, nesse caso “aos pais que têm filhas”.

Nesse caso, os versos “toda vez que você diz para sua filha// toda vez que grita com ela por amor// você a ensina a confundir raiva com carinho” operam a construção e (re)construção do referente a partir de formas pronominais que significam com base no contexto de produção: “ela” remete à filha e “você” a um suposto pai que seria um modelo de homem que a mulher/filha tomaria como espelho em seus relacionamentos futuros, tendo em vista que, segundo a teoria freudiana, tendemos a escolher alguém que se assemelhe aos nossos pais ou cuidadores.

Compreendemos que as atividades de inferenciação -estabelecer relações de sentidos com base em esquemas mentais cognitivos- estão em relação estreita com a referenciação. Para tanto, compreendemos que referenciação é um processo bastante complexo, visto que os elementos

linguísticos e não linguísticos escolhidos pelo autor são pistas para que o leitor ative cognitivamente seus saberes socialmente compartilhados, a fim de (re)construir o significado desejado na interação. De forma bastante produtiva, o poema que vinha produzindo a retomada do referente “você” que, em termos de gesto de leitura, pode remeter a um “pai” ou “responsável” ao qual o eu-lírico se dirige, coloca em cena uma nova expressão nominal “homens violentos” sem em nenhum momento retomar a palavra “pai” ou a expressão “pais que têm filhas”. Essa expressão definidora “homens violentos” como anáfora indireta é decisiva para que o leitor acione um conhecimento de mundo acerca das características de alguns homens, sejam pais, companheiros, que agem de forma violenta com as mulheres. No caso da relação pai-filha, um modelo de comportamento de pai violento na infância pode naturalizar relações abusivas e violentas na vida afetiva futura da mulher. A mulher aceita ou tolera situações de agressividade e violência, pois o modelo de afetividade masculina foi dentro desse mesmo padrão.

Em meio ao movimento de análise, notamos que a imagem exerce um papel bastante significativo no que se refere à forma nominal “sua filha” que, dinamicamente, relaciona-se ao pronome “você”, o que nos leva a pensar no papel da significação contextual. Nesse caso, a interpretação do poema e da imagem se dá em meio a um processo dinâmico em que o verbal está relacionado à linguagem não verbal – o que permite ao leitor uma contextualização da situação comunicativa. A forma nominal “sua filha” e o pronome “ela” são (re)tomadas por meio de um elemento visual: a ilustração de uma menina materializada de modo incompleto, inacabado. A imagem de uma “menina” que se encontra no (co)texto - sem rosto, desenhada de forma inacabada agora sozinha (sem o acompanhante) é uma forma de retomada do referente de modo direto. Assim sendo, podemos afirmar que a imagem não só participa dos processos de construção e reconstrução dos objetos-do-discurso, como também estabelece referências diretas e indiretas, o que exige do leitor o cálculo do sentido.

Nesse sentido, segundo Ramos (2007), entendemos que a função da imagem é, também, a de fornecer pistas para que o interlocutor (re)construa os referentes visuais. Desse modo, o desenho da menina caracterizado como rascunho ou inacabado que aparece sozinha, encarando o leitor de frente, remete a uma representação sociocultural da sessão de terapia como experiência individual, subjetiva, servindo de ancoragem para a interpretação dos sentidos no texto.

Nos dois poemas, a representação lacunar e incompleta do referente visual “menina”, pode ser compreendida, com base em conhecimentos do leitor, como indicativa de uma história marcada por lacunas, traumas, dor, falhas, lapsos da memória- lembranças e esquecimentos- ou de experiências dolorosas na vida de uma mulher que rememora seu lugar de criança. O desenho

incompleto é metáfora da construção de um ser-mulher que carregou, ao longo de sua vida, histórias, narrativas que, na obra, são lembradas e ressignificadas.

Considerações finais:

Neste artigo, buscamos trazer algumas reflexões sobre a relação entre os processos de referenciação e inferenciação, com base em conhecimentos trazidos pelo leitor, levando em conta que os objetos-de-discurso são construídos e reconstruídos por meio de uma relação muito dinâmica entre elementos verbais e visuais.

Em meio a um ativo processo de construção de sentidos no texto, é extremamente necessário que o leitor acione, por meio das pistas linguísticas e não linguísticas apresentadas no texto e cotexto, seus conhecimentos de diversas ordens: mundo, língua, gênero e contexto e tenha competência de estabelecer convergências entre os referentes textuais e imagéticos.

Assim sendo, acreditamos que os mecanismos de instauração, retomada e recategorização de objetos-de-discurso funcionam tanto na dimensão verbal quanto na visual e precisam ser analisados de forma interdependente. A partir dos exemplos apresentados, tanto a retomada indireta ou direta são muito produtivas na construção e recategorização do objeto do discurso e construção dos sentidos. Dessa maneira, o verbal e o imagético se encontram imbricados, atuando na construção de referentes no caso do material analisado.

Referências

AEBERSOLD, J. & FIELD, M. (1997) *From reader to reading teacher*. New York: Cambridge University Press.

BOTTINEAU, Didier. “*Ops! Les émotimots, les petits mots des émotions: des acteurs majeurs de la cognition verbal interactive*”. *Langue Française*. n. 180, 2013, pp. 99-112

CAVALCANTE, M. M. O processo de recategorização sob diferentes parâmetros. In: *XX Jornada Nacional de Estudos Linguísticos – Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste*, 2004, João Pessoa. Anais... João Pessoa: Idéia, v. 1, p. 14-18.

CUSTÓDIO FILHO, V. *Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação*. 330 f. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011

KAUR, R. *outros jeitos de usar a boca*- 18ª Ed. – São Paulo: Planeta, 2017.

CLARABOIA, *Jacarezinho/PR*, n.17, p. 24-38, jan./jun, 2022. ISSN: 2357-9234.

- KERBRAT-ORECCHIONI, C.** (2006). *L'énonciation: de la subjectivité dans le langage* (4.ed.). Paris: Armand Colin.
- KLEIMAN, A.** *Oficina de Leitura: teoria e prática* – 4ª Ed. – Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1996
- KLEIMAN, A.** *Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura* - 15ª Ed. – Campinas, SP: Pontes, 2013.
- KOCH, I. G. V.** *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 77-81.
- KOCH, I. V.** *O texto e a construção de sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.
- KOCH, I. V., ELIAS, V. M.** *Ler e compreender: os sentidos do texto* – 2ª Ed., 1ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2010.
- MARCUSCHI, L. A.** Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 53-101
- MARQUESI, S.; LINO PAULIUKONIS, A.; ELIAS, V.** A natureza sociocognitivo-discursiva da coerência In: *Linguística textual e ensino*.p. 92-103. São Paulo: Contexto, 2017.
- MOOR, A. M.; CASTRO, R. V.; COSTA, G. P.** O ensino colaborativo na formação do professor de inglês instrumental. In: LEFFA, V. (Org.). *O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão*. Pelotas: Educat, 2001. p. 157-173.
- RAMOS, P.** *Tiras e piadas: duas leituras, um efeito de humor*. 2007. 224f. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007.
- SOLÉ, Isabel.** *Estratégias de Leitura*. Tradução de Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

Recebido em: 1/12/2020

Aprovado em: 24/2/2021